

A correlação entre as formas verbais imperfectivas e os planos discursivos sob a ótica da marcação e do processo de gramaticalização

The correlation between the imperfective verb forms and the discursive plans from the perspective of marking and the grammaticalization process

Valdecy de Oliveira Pontes¹

valdecy.pontes@ufc.br

Universidade Federal do Ceará

RESUMO - Neste artigo, tratamos do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas e a sua relação com os planos discursivos figura e fundo. Deram suporte a nossa pesquisa pressupostos do Funcionalismo Linguístico (marcação e gramaticalização). Partimos da hipótese de que, numa narrativa, encontramos formas imperfectivas atuando como fundo da narrativa e, também, na progressão dos fatos. Nossos dados provêm de vinte e quatro contos escritos por autores de língua espanhola, selecionados a partir do parâmetro comarca cultural: Caribe; México e América Central; Andes; Rio da Prata; Chile e Espanha. Obtivemos um total de 2093 dados, sendo que 1803 desses são de formas do pretérito imperfeito do indicativo, 86,15% do total, e 290 de perífrases imperfectivas de passado, o que corresponde a 13,85% do total. Os resultados confirmam que as formas imperfectivas também podem atuar como figura, já que 30,2% das formas de pretérito imperfeito e 10% das perífrases imperfectivas de passado desempenham um papel significativo na progressão dos eventos e nas ações desenvolvidas, nos diversos contos analisados. No que tange aos percentuais das formas classificadas como fundo 1, verificamos menor ocorrência com dados do pretérito imperfeito: 505 formas, ou seja, 28% do total das 1803 formas de pretérito imperfeito encontradas nas narrativas analisadas. Por outro lado, as perífrases imperfectivas de passado apresentaram 122 ocorrências, 42% do total de 290 formas de perífrases que compõem o *corpus* analisado. Identificamos, também, menor ocorrência de formas classificadas como fundo 2 com dados do pretérito imperfeito: 754 formas, ou seja, 41,8% do total das 1803 formas de pretérito imperfeito. Por outra parte, as perífrases imperfectivas de passado apresentaram 139 ocorrências, 48% do total de formas perífrásticas. Por último, é salutar pontuar, com base nas ocorrências, que as formas verbais imperfectivas ampliaram o sentido original de atuar apenas no fundo da narrativa devido a um processo de gramaticalização, e passam a atuar, também, no plano figura.

Palavras-chave: planos discursivos, perífrases imperfectiva, pretérito imperfeito.

ABSTRACT - In this article, we address the imperfect and imperfective periphrases and their relationship to the figure and background discursive levels. Our theoretical background includes Language Functionalism assumptions (marking and grammaticalization). Our hypothesis is that, in a narrative, we find imperfective forms acting as the narrative background that are also present in the progression of events. Our data comes from twenty-four short stories written by Spanish language authors selected according to the cultural district parameter: the Caribbean; Mexico and Central America; Andes; La Plata River; Chile and Spain. We obtained 2,093 tokens, 1,803 of which are forms of the imperfect indicative past, 86.15% of the total, and 290 are instances of imperfective past periphrases, which corresponds to 13.85% of the total. The results confirm that the imperfective forms may also act as a figure, since 30.2% of the imperfect forms and 10% of the imperfective past periphrases play a significant role in the progression of events and actions in the various stories analyzed. With regard to the percentage of forms classified as background 1, we observed imperfect past data was less frequent: 505 forms, or 28% of the 1,803 imperfect forms found in the narratives analyzed. On the other hand, there were 122 occurrences of imperfective past periphrases, (42% of the total 290 periphrastical forms in the corpus analyzed). Less frequent forms with imperfect data classified as background 2 were also identified: 754 forms, namely, 41.8% of the 1,803 forms of imperfect. On the other hand, the 139 occurrences of imperfective past periphrases correspond to 48% of the total periphrastical forms. Finally, it is important to point out, based on the occurrences observed, that imperfective verb forms broadened the original sense of acting only on the background due to a grammaticalization process, and begin to act also in the figure level.

Keywords: discursive levels, imperfective periphrasis, imperfect past tense.

¹ Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Av. da Universidade, 2762, Benfica, 60020-181, Fortaleza, CE, Brasil.

Introdução

A diferença fundamental entre Tempo e Aspecto consiste no fato de o primeiro considerar somente o tempo externo da situação e o Aspecto considerar o que está relacionado com a ideia de tempo interno. Nas palavras de Comrie (1976, p. 3, tradução minha): “Aspecto são diferentes formas de ver a constituição interna de uma situação”².

Para Comrie (1976), o Aspecto é uma categoria semântica que depende tanto da dinâmica interna do verbo como da escolha do falante que utiliza um ponto de vista (interno ou externo) para focalizar uma determinada ação. Portanto, cabe ao Aspecto a perspectiva temporal da situação, e ao Tempo a sua localização temporal. Há duas perspectivas para o falante focar uma ação:

- (a) *Perfectiva*: visão externa e concluída do processo, na qual se destaca o resultado da ação expressa pelo verbo.
- (b) *Imperfectiva*: visão interna do desenvolvimento de uma ação, na qual se destaca alguma parte da sequência temporal em curso.

Se considerarmos as formas aspectuais, no plano textual-discursivo, para Hopper e Thompson (1980), o Aspecto *perfectivo*³ apresenta alta transitividade na narrativa, por outro lado, o Aspecto *imperfectivo* aponta para baixa transitividade, por exemplo, há o uso de formas verbais do imperfeito como fundo (detalhes, descrições) e de formas do perfeito na ordenação dos fatos da narrativa, indicando progressão. Segundo Muñoz y Soto (2000), a figura corresponde à informação tida como essencial e diz respeito ao desenvolvimento do relato, mediante a apresentação sequencial dos fatos que a constituem e equivale ao esqueleto situacional. Por outro lado, o fundo equivale ao que é considerado como acessório na narração, por exemplo, proposições descritivas, detalhes e comentários.

No entanto, um problema encontrado nessa teoria é que, numa narrativa, encontramos, também, formas *perfectivas* atuando como fundo da narrativa e formas *imperfectivas* atuando na progressão dos fatos, como também, outras funções para essas formas, por exemplo, formas *imperfectivas* atuando na progressão da narrativa para conferir um efeito de lentificação da ação, com o objetivo de criar uma atmosfera de suspense. É necessário que se discuta essa distinção clássica vigente até hoje. Além disso, algumas vezes, é difícil delimitar com precisão o que é figura e o que é fundo na narrativa, pois não se trata de categorias discretas.

Neste artigo, analisamos a relação entre os planos figura e fundo, presentes nos contos literários, e as formas do pretérito imperfeito e das perífrases *imperfectivas* de passado sob a ótica dos princípios funcionalistas de marcação e de gramaticalização. Para a análise dos dados, partimos da hipótese de que, numa narrativa, encontramos formas *imperfectivas* atuando como fundo da narrativa e, também, na progressão dos fatos. Se isso ocorre, como se dá a codificação, mais especificamente, como as formas, nas quais estamos interessados (*imperfectivo* e *perífrases imperfectivas*), aparecem na distribuição informativa no texto narrativo?

A partir deste direcionamento, primeiramente, na seção teórica, apresentamos algumas considerações sobre os princípios funcionalistas de marcação e de expressividade retórica e, ainda, os planos discursivos figura e fundo e a gramaticalização de formas *imperfectivas* de passado; na seção de natureza metodológica, apresentamos o *corpus* utilizado para a pesquisa; segue-se a essas seções a análise, na qual correlacionamos postulados teóricos aos resultados atrelados aos planos discursivos.

Marcação e expressividade retórica

O princípio da marcação foi introduzido pelos linguistas da escola de Praga. Esse conceito seria uma reinterpretação da noção de valor linguístico concebida por Saussure para diferenciar um par contrastivo, ou seja, a distinção entre os membros de uma determinada categoria se dá por meio da presença de uma dada propriedade em um (elemento marcado) e da ausência desta no outro membro (elemento não-marcado).

Segundo Givón (1995), o conceito de marcação pressupõe a noção de complexidade da estrutura da língua, neste âmbito, o autor concebe que o elemento marcado é estruturalmente mais complexo. Por outro lado, o elemento não-marcado é mais simples em sua estrutura. No entanto, a marcação depende do contexto comunicativo, logo, para a caracterização de um elemento como marcado ou não-marcado, entram em jogo os fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos e biológicos.

Givón (1990, p. 947) apresenta três critérios para se avaliar a marcação:

- (a) *complexidade estrutural*: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada.
- (b) *distribuição de frequência*: a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada.

² “Aspects are different ways of viewing the internal constituency of a situation” (Comrie, 1976, p. 3).

³ Podemos conceber o Aspecto como uma categoria que caracteriza os diferentes modos de perceber a constituição temporal de uma determinada situação. Essa constituição, segundo Comrie (1990), pode dar-se sem distinção de etapas (*Aspecto perfectivo*) ou em sua constituição interna (*Aspecto imperfectivo*). Desse modo, o *perfectivo* expressa uma situação como um todo, ou seja, ela é tratada como um objeto único, sem parciais-la ou dividi-la em fases internas distintas. Por outro lado, com o *imperfectivo*, o fato é expresso em sua constituição temporal interna.

- (c) complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada.

No tocante a estes critérios, Givón (1991) orienta que devem ser testados de maneira isolada e, somente depois, os resultados devem ser correlacionados. Por outro lado, dada a dificuldade de acessar o grau complexidade cognitiva das formas linguísticas, esse subprincípio deve ser indiretamente controlado. Segundo a formulação dada por Givón (1991, p. 38), na concepção do princípio meta-icônico de marcação: “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas”. Nesse sentido, a complexidade cognitiva pode ser atrelada à complexidade estrutural.

Não podemos determinar, segundo Givón (1990), a marcação de forma absoluta, pois a estrutura é marcada ou não de acordo com o contexto em que ocorre. Por exemplo, em uma narrativa em que temos os pretéritos perfeito e imperfeito, a forma marcada, nesse contexto, será, provavelmente, o pretérito imperfeito, já que tende a ser mais complexa estruturalmente e cognitivamente e, além disso, menos frequente, se considerarmos que essa forma atua como pano de fundo da narrativa, enquanto que o pretérito perfeito atua na progressão da narrativa, conforme Hopper e Thompson (1980). Se pensarmos a marcação nos diversos contextos, podemos estabelecer em quais contextos uma dada estrutura será mais marcada e em quais será menos marcada.

Givón (1990) divide a marcação de categorias gramaticais em quatro tópicos:

- (a) tipos de discurso – a mesma categoria gramatical pode ter diferentes valores de marcação quando colocada em contextos discursivos diferentes; (b) tipos de oração – as orações principais, declarativas, afirmativas e ativas têm o *status* de não-marcadas, enquanto que as subordinadas, manipulativas, negativas e passivas ganham o *status* de marcadas; no discurso oral/informal, há o predomínio das orações coordenadas, que são cognitivamente mais fáceis de processar do que as orações subordinadas; (c) Modalidades nominais: (1) *papel temático* – hierarquia temática → papel semântico: agente > dativo/benefactivo > paciente > locativo > instrumento > outros, papel gramatical: sujeito > objeto direto > objeto indireto, agente, dativo/benefactivo e paciente são os mais prováveis para ocupar as posições de sujeito e objeto, portanto, o sujeito/agente e o objeto/paciente são os não-marcados; (2) *referencialidade e individuação* – nomes referenciais e individuais são o caso não-marcado; (3) *definitude* – o sujeito, o objeto direto e o dativo/benefactivo tendem a ser a categoria definida, logo, não-marcada; (4) *status anafórico* – a anáfora zero é a menos marcada; (5) *topicalidade* – a marcação dos referentes tópicos e dos não-tópicos

depende da continuidade, ou seja, o referente tópico/contínuo (codificado como zero ou pronome anafórico) é o não-marcado e o referente não-tópico/descontínuo é o marcado; (d) Modalidades verbais (*realis x irrealis* (mais marcada); perfectiva x imperfectiva (mais marcada) – Givón (1995, p. 55).

Com o objetivo de estabelecer o equilíbrio cognitivo contextual, algumas propostas de reformulação teórica do princípio de marcação têm sido pensadas, considerando o fato de que um procedimento discursivo marcado tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação. Logo, é necessária a formulação de um princípio de contrabalanço e que complemente o princípio de marcação. Nas palavras de Dubois e Votre (1994, p. 12): “É preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação”. A partir desta premissa, com vista à obtenção do equilíbrio cognitivo contextual, os autores propõem a aplicação do princípio de expressividade retórica. De acordo com Dubois e Votre (1994), o princípio de expressividade retórica é cognitivamente motivado em termos da expressividade e da eficácia, o que pode equilibrar as tarefas de codificação. A partir deste princípio, formas marcadas podem tender a ocorrer em contextos menos marcados e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados.

Os princípios de marcação e de expressividade retórica ajudar-nos-ão a explicar o uso de formas imperfectivas em narrativas, considerando-se: complexidade estrutural (imperfeito ou perífrases); distribuição de frequência (de acordo com os planos discursivos); complexidade cognitiva (com base na ordenação nos planos discursivos).

Na próxima seção, teceremos considerações de cunho teórico no que diz respeito aos planos da narrativa e ao processo de gramaticalização das formas imperfectivas de passado.

Os planos da narrativa e o processo de gramaticalização das formas imperfectivas

Os conceitos de figura e fundo vêm da Gestalt, na Psicologia. De acordo com essa teoria, de fundamento cognitivo, o processo de formação de figura-fundo é dinâmico, a figura depende do fundo sobre o qual aparece; o fundo serve como uma estrutura ou moldura em que a figura está enquadrada ou suspensa, e, por conseguinte, a determina. Considerando essa premissa, Hopper (1979) define os planos de figura e fundo a partir de análise de narrativas do malaio. Hopper e Thompson (1980) retomam essa distinção ao proporem os parâmetros de transitividade. Nessa perspectiva, na organização do pensamento humano e na comunicação, é inevitável a hierarquização de infor-

mações, no sentido de estabelecer graus de centralidade/perifericidade, ou seja, numa situação comunicativa, os usuários da língua procuram estabelecer que informações são essenciais (figura) e/ou acessórias (fundo).

Na narrativa, alguns elementos da descrição são considerados a essência, o esqueleto, a linha principal do episódio/descrição/comunicação, constituindo a figura do discurso. Por outro lado, há elementos que são satélites, ficam na margem, são os apoios do episódio/descrição/comunicação, sendo, portanto, o fundo do discurso. Assim, em uma situação de interação, há informações que ficam na centralidade do discurso (figura) e outras, na periferia (fundo). Dessa forma, é a partir da percepção das necessidades do ouvinte e dos interesses do falante que os usuários da língua constroem as sentenças. Nas palavras de Givón (1990), a figura corresponde à essência da história, enquanto que o fundo corresponde às lacunas e digressões.

Silveira (1997), ao estudar figura e fundo em narrativas, verifica que os planos não são categorias discretas, mas há uma gradação no que tange à figuricidade – que vai da figura até diferentes tipos de fundo. A autora propõe seis categorias que formam esse gradiente:

- Categoria I: é a figura prototípica.
- Categoria II: cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura. Apresentam ou resumem o que vai ser relatado; apresentam o cenário e os participantes; e apresentam a fala dos personagens;
- Categoria III: cláusulas-fundo que especificam o modo, ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);
- Categoria IV: cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas);
- Categoria V: cláusulas-fundo que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas);
- Categoria VI: cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor. Apresentam opiniões, dúvidas, conclusões.

A partir da relação entre transitividade e a organização discursiva figura/fundo de Hopper e Thompson (1980), Lima (2009) propôs graus de figuricidade (0 a 4) para analisar o relevo discursivo das orações de não-atribuição de causalidade na Crônica Geral de Espanha de 1344. A pesquisadora analisou quatro contextos: a oração em relação ao período, o período em relação ao parágrafo, o parágrafo em relação ao capítulo e o capítulo em relação ao texto. Ela classificou cada construção quanto ao grau de figuricidade que variou de 0 a 4, conforme fosse figura em nenhum dos contextos, ou ainda, atuasse como figura nos quatro contextos.

Chedier (2007) simplifica a proposta de Silveira (1997) e faz o agrupamento das seis categorias em apenas

três. Ela mantém a categoria I e reorganiza as categorias II e III em uma categoria que denomina de fundo 1, por estarem mais próximas das características de figura. Ademais, reagrupa as categorias IV, V e VI e as considera como fundo 2, pois, segundo a autora, elas estão mais distantes das características de figura. Dessa forma, temos a seguinte divisão para analisar a gradualidade que vai de figura até fundo, segundo Chedier (2007, p. 49-50):

- Figura: apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos; quanto à codificação morfosintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas;
- Fundo 1: apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresenta ou resume o que vai ser relatado; apresenta o cenário e os participantes; e apresenta a fala dos personagens. Há, também, cláusulas-fundo que especificam o modo ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);
- Fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas); pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, opiniões, dúvidas, conclusões.

Em nossa pesquisa, com o objetivo de analisar, nos textos do nosso *corpus*, em quais contextos as formas imperfectivas atuam como fato central (figura) e como informação periférica (fundo), utilizamos a proposta de Chedier (2007).

Se retomarmos as considerações de pesquisadores e gramáticos que estudaram com afinco a relação entre os tempos do passado e a organização discursiva da narrativa ao longo dos séculos, teremos um panorama da evolução dos usos linguísticos das formas imperfectivas de passado em espanhol. Uma das primeiras alusões a esse tópico é formulada por Bello (1847) que, ao apontar os usos do co-pretérito (pretérito imperfecto), o situa com os adjuntos adverbiais e com outros elementos circunstanciais dos fatos, para decorar o drama, ou seja, para caracterizar os personagens e o cenário da narrativa. Weinrich (1973), na proposta sobre os tempos do mundo narrado, coloca o pretérito imperfecto no fundo da narrativa e o pretérito perfeito na figura. Outros estudiosos, como Alcina e Blecua (1975), Matte Bon (2003) e Cano (2005) afirmam que o pretérito perfeito é usado pelos falantes para sequenciar os fatos. Por outro lado, o imperfecto é utilizado para descrever a cena.

No entanto, segundo afirma a Real Academia Española (RAE, 2009), em sua última publicação “Nueva

gramática de la lengua española”, o pretérito imperfeito narrativo também é chamado de “ruptura”, porque, geralmente, é usado para apresentar uma ação como desfecho de outras que são introduzidas na continuação da narração. García Fernández (2004) pontua que, nesses contextos, há uma neutralização do valor aspectual imperfectivo com objetivos de cunho estritamente estilístico, no entanto, encontramos formas atuando na progressão da narrativa, sem conferir um valor que fosse necessariamente estilístico, mas atuando no desenvolvimento do relato. Nesse sentido, podemos sugerir que as formas imperfectivas de passado assumiram novas funções no decorrer do tempo, ou seja, sofreram gramaticalização.

Na atualidade, de acordo com Hopper e Traugott (1993), a gramaticalização pode ser entendida como um processo diacrônico no qual uma construção existente composta de um item lexical experimenta avanço de frequência nos diversos contextos linguísticos e adquire funções gramaticais que, seguindo essa tendência, desenvolverá outras funções gramaticais.

O processo de gramaticalização está estreitamente ligado à correlação forma/função: quando duas ou mais formas representarem uma função ou uma forma representar duas funções, pode, a partir dessa co-ocorrência, haver mudança linguística. Por exemplo, Torres Cacoullos (2001) ao estudar, diacronicamente, a perífrase estar + gerúndio, no Espanhol falado do México, verificou que essa forma perdeu o sentido locativo espacial original devido a um processo de gramaticalização, e ampliou o sentido aspectual para imperfectivo.

Em várias línguas românicas, formas com função perfectiva, como o Passé composé do Francês e o Pretérito perfecto compuesto do Espanhol se originaram da construção resultativa “haber” ou “ser” mais um particípio, e essas duas expressões (Haber + particípio) foram transformadas em marcas de perfeito e podem, conforme Heine e Kuteva (2005), desenvolver um valor perfectivo. Essas construções tendem a seguir o mesmo percurso de gramaticalização, ou seja, seguem a rota semântica: construção resultativa > perfeito > perfectivo/passado simples (Bybee, 2004, p. 250).

No tocante ao valor imperfectivo, Bybee (2004, p. 250) esboça a seguinte rota semântica: progressivo > imperfectivo (contínuo ou durativo e habitual)/presente. Nesse sentido, podemos constatar que as formas aspectuais imperfectivas podem sofrer, também, gramaticalização e adquirir um ou mais usos, ou seja, uma mesma forma pode codificar várias funções. Bybee (2003) aponta a seguinte característica para as formas que sofreram gramaticalização: generalização e abstratização semântica, logo, há o aumento de seus contextos de uso. Por exemplo, as formas imperfectivas de passado, antes usadas, geralmente, como pano de fundo da narrativa (conforme Hopper, 1979; Hopper e Thompson, 1980), também, passaram a atuar na progressão da narrativa, a

partir do uso do imperfectivo narrativo na novela decimonônica, de acordo com Bertinetto (1986).

Se considerarmos, ainda, a caracterização do que seria uma estrutura tipicamente imperfectiva, o princípio cognitivo de prototipicidade, desenvolvido por Rosch (1973), é extremamente válido. Segundo esse princípio, a categorização humana não é arbitrária, mas procede de exemplares mais centrais para exemplares mais periféricos, são prototípicos os exemplares mais centrais da categoria, justamente os que parecem mais salientes aos falantes. Givón (1984, p. 17) assim define a noção de prototipicidade: “o membro mais protótipo de uma categoria é o que exibe o maior número de propriedades ou características dessa categoria. Todos os outros membros podem então ser classificados de acordo com seu grau de semelhança, ou seja, da sua distância do protótipo”.

Com a análise da prototipicidade das formas imperfectivas de passado, há a possibilidade de inclusão de dados não prototípicos, antes deixados à margem por não apresentarem alguns traços característicos. Nesse sentido, há uma distribuição gradiente para os membros de uma dada categoria até chegar ao protótipo desta.

Por conta disso, a noção de protótipo encontrou amplo espaço no âmbito dos estudos de gramaticalização, conforme propõem Hopper e Traugott (1993), visto que este processo se caracteriza justamente pela fluidez no *continuum* categorial. Dessa forma, parece mais acertado estabelecermos a pertença de um elemento a uma categoria a partir de um grau de similitude com o protótipo, entendido como o exemplar que melhor se reconhece, o mais representativo e distintivo de um grupo, levando em consideração que é o elemento que compartilha mais características com o resto dos membros da categoria e menos com os membros de outras categorias.

A seguir, exporemos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa.

Procedimentos metodológicos

No percurso teórico-metodológico desta investigação, objetivamos testar a hipótese de que, numa narrativa, encontramos formas imperfectivas atuando como fundo da narrativa e, também, na progressão dos fatos. Nossos dados provêm de vinte e quatro contos escritos por autores de língua espanhola, selecionados a partir do parâmetro extralinguístico ‘comarca cultural’. A opção por se trabalhar com um *corpus* de contos justifica-se pelo fato de o texto literário nos oferecer um vasto repertório de variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas e pela dificuldade para se trabalhar com *corpora* de dados orais que dessem conta da diversidade linguística de todos os países hispânicos. De acordo com Silva (2009), mesmo que, na atualidade, haja uma gama de bancos de dados orais da língua espa-

Quadro 1. *Corpus* selecionado.**Chart 1.** Selected *corpus*.**(a) Caribe – Virgilio Piñera (Cuba)**

PIÑERA, V. 2008. El que vino a salvarme. In: *El que vino a salvarme*. Madrid, Cátedra.

PIÑERA, V. 2008. Unos cuantos niños. In: *El que vino a salvarme*. Madrid, Cátedra.

PIÑERA, V. 2008. Unas cuantas cervezas. In: *El que vino a salvarme*. Madrid, Cátedra.

PIÑERA, V. 2008. El enemigo. In: *El que vino a salvarme*. Madrid, Cátedra.

(b) México e América Central – Juan Rulfo (México)

RULFO, J. 2007. El llano en llamas. In: *El llano en llamas*. Madrid, Editorial Planeta.

RULFO, J. 2007. Acuérdate. In: *El llano en llamas*. Madrid, Editorial Planeta.

RULFO, J. 2007. La noche que lo dejaron solo. In: *El llano en llamas*. Madrid, Editorial Planeta.

RULFO, J. 2007. Diles que no me maten. In: *El llano en llamas*. Madrid, Editorial Planeta.

(c) Andes* – Gabriel García Márquez (Colômbia)

GARCÍA MÁRQUEZ, G. 2010. La santa. In: *Doce cuentos peregrinos*. 17ª ed., Buenos Aires, De Bolsillo.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. 2010. Me alquilo para soñar. In: *Doce cuentos peregrinos*. 17ª ed., Buenos Aires, De Bolsillo.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. 2010. Sólo viene a hablar por teléfono. In: *Doce cuentos peregrinos*. 17ª ed., Buenos Aires, De Bolsillo.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. 2010. El verano feliz de la señora Forbes. In: *Doce cuentos peregrinos*. 17ª ed., Buenos Aires, De Bolsillo.

(d) Rio da Prata – Julio Cortázar (Argentina)

CORTÁZAR, J. 2008. Las armas secretas. In: *Cuentos completos I*. 2ª ed., Buenos Aires, Punto de Lectura.

CORTÁZAR, J. 2008. El móvil. In: *Cuentos completos I*. 2ª ed., Buenos Aires, Punto de Lectura.

CORTÁZAR, J. 2008. Las puertas del cielo. In: *Cuentos completos I*. 2ª ed., Buenos Aires, Punto de Lectura.

CORTÁZAR, J. 2008. Bruja. In: *Cuentos completos I*. 2ª ed., Buenos Aires, Punto de Lectura.

(e) Chile – Roberto Bolaño (Chile)

BOLAÑO, R. 1997. Llamadas telefónicas. In: *Llamadas telefónicas*. Barcelona, Editorial Anagrama.

BOLAÑO, R. 1997. La nieve. In: *Llamadas telefónicas*. Barcelona, Editorial Anagrama.

BOLAÑO, R. 1997. Una aventura literaria. In: *Llamadas telefónicas*. Barcelona, Editorial Anagrama.

BOLAÑO, R. 1997. Clara. In: *Llamadas telefónicas*. Barcelona, Editorial Anagrama.

(f) Espanha – Camilo José Cela (Espanha)

CELA, C.J. 2002. Noventa minutos de rebotica. In: J.M. PADILLA, *Cuentos Madrileños*. Madrid, Editorial Castalia. S.A.

CELA, C.J.; BRITO, M. 1989. In: O.B. PÉREZ, *El cuento español 1940-1980*. Madrid, Editorial Castalia. S.A.

CELA, C.J. 1987. La eterna canción. In: J. CORRALES, *Cuentos para leer después del baño*. Barcelona, Ediciones Juan Granica. S.A.

CELA, C.J. 1987. Claudius, profesor de idiomas. In: J. CORRALES, *Cuentos para leer después del baño*. Barcelona, Ediciones Juan Granica. S.A.

Nota: (*) Inserimos a Colômbia na zona andina, considerando os estudos realizados pelos dialetólogos Cotton e Sharp (1988) e a divisão elaborada por Rama (1982). Rama (1982) desenvolveu os conceitos de “comarcas” e de “geração” para tratar das especificidades dos “sistemas literários latino-americanos”. O termo “comarcas” refere-se ao território geográfico, social e cultural das regiões da América Latina. Nesse sentido, podemos definir comarca como uma área onde há características em comum, provenientes de elementos naturais, étnicos e culturais. De acordo com Aguiar e Vasconcelos (2001), nessa proposta temos a comarca pampeana, envolvendo parte da Argentina, o Uruguai e o extremo Sul do Brasil; uma comarca andina, estendendo-se desde o norte da Argentina até a Colômbia e Venezuela; outra amazônica e ainda uma caribenha, reunindo as ilhas e as costas adjacentes. Em seus estudos, Rama trata a literatura como elemento integrante da cultura, e não como um mero objeto artístico independente do sistema cultural das civilizações. Os parâmetros empregados, para esta divisão, diferem dos utilizados por outras classificações dialetais para o espanhol americano.

nhola, há diversidade no que diz respeito à metodologia para a coleta dos dados, ao estilo e às datas. Ademais, o acesso para os pesquisadores limita-se à consulta via internet e à aquisição em formato de mídias. Salienta-se, ainda, a escolha da narrativa como *corpus* por julgarmos apresentar, em maior frequência, as formas imperfectivas sob análise (pretérito imperfeito e perífrases imperfectivas), diferentemente do que ocorre com a descrição, com a dissertação e com a injunção. Há certas funções das formas imperfectivas de passado que não estão presentes em *corpus* de língua oral. Por exemplo, seria difícil explicar de forma satisfatória o emprego do imperfeito narrativo, pois esse uso, geralmente, não aparece no espanhol falado, conforme Gutiérrez Araus (1997).

Partindo do pressuposto de que a língua é dinâmica e heterogênea, nos deparamos com a impossibilidade de analisá-la em sua totalidade. Nesse sentido, não temos a pretensão de afirmar que o *corpus* selecionado para esta pesquisa representa como a Língua Espanhola é utilizada nos diversos contextos de interação verbal. Selecionamos o *corpus* com o objetivo de, a partir dele, analisar a expressão do passado imperfectivo e apresentar tendências de uso, sem apontarmos generalizações de uso das formas analisadas, para outros contextos. Para cada comarca, selecionamos quatro narrativas. O volume textual de cada conto selecionado é de, aproximadamente, 8 a 10 páginas, perfazendo um *corpus* que tem, em média, de 30 a 40 páginas por comarca cultural. Vejamos, então, no Quadro 1, o *corpus* selecionado.

Para cada zona linguística, selecionamos um autor representativo desde o “Boom latino” até a literatura contemporânea. Tomamos como parâmetro para essa escolha, bem como para a eleição dos contos, a disponibilidade e as considerações sobre esses autores por estudiosos de literaturas de Língua Espanhola.

Análise estatística

Partindo do pressuposto de que o fenômeno de variação linguística não ocorre de forma aleatória, é de vital importância identificar os grupos de fatores⁴ linguísticos e extralinguísticos que tendem a favorecer ou desfavorecer o uso de uma determinada variante em estudo. Para Scherre e Naro (2007, p. 148):

Os grupos de fatores são uma forma de operacionalizar hipóteses a respeito do funcionamento dos fenômenos linguísticos variáveis, que podem ou não estar ligados a modelos linguísticos claramente estabelecidos.

Para se obter os valores de cada um dos grupos de fatores foi desenvolvido por Rousseau e Sankoff o pacote computacional denominado VARBRUL. Este possibilita que o fenômeno de variação linguística seja analisado estatisticamente. Para cada fator (variável independente), na rodada estatística, é atribuído um valor numérico (peso relativo) que indica a probabilidade⁵ dessa variável independente favorecer ou desfavorecer a aplicação de uma regra variável. Nas palavras de Guy e Zilles (2007, p. 41):

Isso envolve calcular um valor para cada fator da análise; esse valor vem a ser um número entre 0 e 1, que indica em que medida e em que direção o fator afeta a taxa de aplicação da regra. Esses valores são interpretados conforme o seguinte padrão: um valor acima de 0,5 corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra, um valor abaixo de 0,5, corresponde a um fator que essencialmente não tem efeito na regra (ou seja, em nada contribui para sua maior ou menor aplicação).

Um valor igual a 0,5 é interpretado como neutro e um valor muito próximo de 0 indica que a variante nunca se aplicará no contexto daquele fator, temos então um “nocaute⁶ negativo”. Por outro lado, se obtivermos um valor muito próximo de 1, isso indica que a variante sempre será aplicada no contexto daquele fator. Nesse caso, temos um “nocaute positivo” (Guy e Zilles, 2007).

A análise estatística da variação linguística será realizada através da utilização do programa GOLD-VARB⁷, para os cálculos de frequência, pesos relativos e identificação da ordem de significância dos diferentes grupos dos fatores testados. Para identificar a ordem de significância dos grupos de fatores testados, utilizamos testes estatísticos que, conforme Guy e Zilles (2007), fornecem valores padronizados de referência; de maneira geral, essa referência é a hipótese nula (H_0) que afirma que nada está acontecendo, que as variáveis independentes não influenciam as dependentes. Por exemplo, se queremos verificar motivações para o uso de pretérito imperfeito versus forma perífrástica, precisamos mostrar que a hipótese nula não atua. Para rejeitar a hipótese nula, o pesquisador deve verificar se os resultados são considerados estatisticamente significativos, ou seja, se há menos de 5% ou 1% de chance de que os dados tenham sido extraídos de um universo em que a H_0 seja verdadeira. Para calcular a probabilidade de a hipótese nula ser verdadeira, utiliza-se o teste de qui-quadrado que, de acordo com Guy e Zilles (2007, p. 92): “[...] nos dá, com efeito, uma quantificação de distribuições ao longo de um contínuo que vai da dis-

⁴ Segundo Guy e Zilles (2007, p. 239): “Um grupo de fatores representa uma das variáveis independentes, seja ela linguística ou social, que o pesquisador quer testar como uma possível influência no comportamento da variável dependente”.

⁵ De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 239): “A probabilidade de um evento representa a chance de ele acontecer”.

⁶ Há a ocorrência de um nocaute, quando, em um determinado momento da análise, uma variante da variável dependente apresenta valores de frequência de 0% (nocaute negativo) ou, ainda, de 100% (nocaute positivo).

⁷ Versão do VARBRUL para ambiente Windows, conforme Scherre e Naro (2007).

tribuição equilibrada prevista pela hipótese nula até a distribuição categórica, totalmente, desequilibrada”.⁸

Os valores resultantes da análise estatística serão organizados em tabelas e gráficos para melhor apresentação dos resultados, os quais serão analisados com base na Sociolinguística variacionista e no Funcionalismo linguístico (princípios de marcação, expressividade retórica e gramaticalização).

Na próxima seção, considerando a hipótese e a questão de pesquisa formuladas na introdução, identificaremos as funções codificadas pelo pretérito imperfeito e pela perífrase imperfectiva no *corpus* selecionado e, sob a ótica do princípio de marcação e do processo de gramaticalização, analisaremos a sua relação com os planos discursivos.

Planos discursivos: atuação das formas imperfectivas

Nesta seção, analisamos a relação entre os planos figura e fundo presentes nos contos literários e as formas do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas de passado. A análise de figura e fundo tenta dar conta de uma questão pragmático-discursiva elementar: em uma dada situação comunicativa, sempre há informações mais relevantes que outras. Vejamos uma ocorrência a seguir:

Exemplo 1

Luego volvíamos la cara para poder ver otra vez hacia arriba y miramos las ramas bajas de los amoles que nos daban tantita sombra.../ Logo voltávamos o rosto para cima para poder ver outra vez e vimos os ramos baixos dos amoles que nos davam um pouco de sombra... (El llano en llamas – Juan Rulfo).

No Exemplo 1, a forma verbal imperfectiva (*volvíamos* ‘voltávamos’) indica a progressão da narrativa, logo, atua como figura. Em contrapartida, a forma imperfectiva (*davam*) aporta para a localização do cenário do fato narrado, portanto, configura-se como *fundo* da narrativa. No entanto, em muitos casos, é difícil delimitar com precisão o que é figura e o que é fundo na narrativa, pois não se trata de categorias discretas. Em nossa pesquisa, com o objetivo de verificar em quais contextos as formas imperfectivas atuam como fato central (figura) e como informação periférica (fundo), utilizamos a proposta de Chedier (2007). Vejamos, no gráfico a seguir, como se deu, nas narrativas que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, a distribuição das formas verbais do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas de passado.

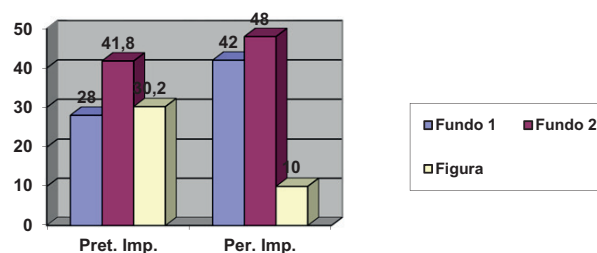


Gráfico 1. Ocorrência de formas imperfectivas no Plano Textual-Discursivo: figura/fundo.

Graph 1. Occurrence of imperfective forms in the discursive-textual level: foreground/background.

Os resultados apresentados no gráfico acima evidenciam que as formas imperfectivas também podem atuar como figura, já que 30,2% das formas de pretérito imperfeito e 10% das perífrases imperfectivas de passado desempenham um papel significativo na progressão dos eventos e nas ações desenvolvidas, nos diversos contos analisados, é o que se verifica na ocorrência abaixo, em que a forma imperfectiva “*iam*”, contribui para a progressão cronológica dos eventos da narrativa. Portanto, atua como *figura* no plano narrativo. A partir dos dados encontrados, aponta-se para a necessidade de se discutir a teoria proposta por Hopper e Thompson (1980) para os planos discursivos na narrativa. Segundo os autores, as formas do pretérito perfeito simples e composto (aspecto perfectivo) têm um papel significativo na progressão dos eventos e nas ações desenvolvidas. Por outro lado, as formas imperfectivas (aspecto imperfectivo), segundo eles, são utilizadas, para descrever, comentar e apontar detalhes, ou seja, para fornecer elementos que dão sustentação à narrativa, atuando somente como fundo.

Exemplo 2

Allí iban los tres, con la mirada en el suelo, tratando de aprovechar la poca claridad de la noche/ Ali íamos três, com o olhar no chão, tratando de aproveitar a pouca claridade da noite (La noche que lo dejaron solo – Juan Rulfo).

Nessa ocorrência, o narrador-observador onisciente relata os fatos observados por ele e conhece todo o enredo, inclusive os personagens e seus pensamentos. Podemos verificar sua onisciência quando deixa claro que os personagens aproveitam a pouca claridade da noite para seguir viagem.

No que tange aos percentuais das formas classificadas como fundo 1 (conforme as formas em *itálico* no

⁸ Para informações mais detalhadas sobre o cálculo do qui-quadrado e sobre o teste de significância estatística, ver Guy e Zilles (2007).

Exemplo 3), verificamos menor ocorrência com dados do pretérito imperfeito: 505 formas, ou seja, 28% do total das 1.803 formas de pretérito imperfeito encontradas nas narrativas analisadas. Por outro lado, foram 122 ocorrências de perífrases imperfectivas de passado, 42% do total de 290 formas de perífrases que compõem o *corpus* analisado. Verificamos, também, menor ocorrência de formas classificadas como fundo 2 com dados do pretérito imperfeito (conforme as formas em itálico no Exemplo 4): 754 formas, ou seja, 41,8% do total das 1803 formas de pretérito imperfeito. Por outro lado, há 139 ocorrências de perífrases imperfectivas de passado, 48% do total de formas perifrásticas.

Exemplo 3

Ayer llovía, hoy hubo sol, ayer estaba triste, hoy va a venir Michele./ Ontem chovia, hoje fez sol, ontem estava triste, hoje virá Michele (Las armas secretas – Julio Cortázar).

Exemplo 4

[...] comprendí que necesitaba mi amistad, la amistad de cualquiera. Pero yo no estaba en condiciones de brindarle ese consuelo./ [...] compreendi que necessitava de minha amizade, da amizade de qualquer um. Mas eu não estava em condições de brindar-lhe com esse consolo (Clara – Roberto Bolaño).

Os resultados obtidos em nossa pesquisa ratificam que as formas imperfectivas podem atuar na progressão da narrativa. O narrador pode fazer uso de uma forma imperfectiva, por exemplo, para dar um efeito de lentificação da ação ou, ainda, de suspense na narrativa. Vejamos o Exemplo 5:

Exemplo 5

Ahora esgrimía una navaja e iba inclinando lentamente el cuerpo mientras me miraba fijamente./ Agora esgrimia uma navalha e ia inclinando lentamente o corpo enquanto me olhava fixamente (El que vino a salvarme – Virgilio Piñera).

Nossos dados ratificam as considerações de García Fernández (2004), Bertinetto (1986), Gutiérrez Araus (1997), ou seja, estas formas se gramaticalizaram e houve generalização das formas imperfectivas, estas passaram a ter seus contextos de uso ampliados, conforme Bybee (2003). O que, por sua vez, ocasionou aumento na frequência de uso dessas formas na narração, pois além da descrição de personagens e do cenário, as formas imperfectivas passaram a atuar, também, para a progressão da narrativa e, por conta disso, assumiram

novas funções (lentificação da ação, frustração de uma ação iminente, e habitual).

No entanto, de acordo com Gutiérrez Araus (1997), é difícil explicar de forma satisfatória o emprego do imperfeito narrativo, pois este uso, geralmente, não aparece no espanhol falado, restringe-se às narrativas escritas. Segundo a autora, na linguagem literária, utilizam-se as formas imperfectivas na progressão das ações da narrativa, quando se quer enfatizar uma determinada ação. Nesse sentido, o autor rompe a norma, com o objetivo de captar a atenção do leitor, e emprega uma forma imperfectiva no lugar de uma perfectiva.

Pontes (2009), em sua pesquisa com narrativas produzidas por estudantes universitários brasileiros aprendizes de espanhol, também destaca que formas imperfectivas podem indicar progressão na narrativa e que formas perfectivas podem figurar em circunstâncias secundárias, portanto, como pano de fundo. Vejamos uma ocorrência de nosso *corpus*:

Exemplo 6

[...] Esteban cerraba la puerta./ [...] Esteban fechava a porta (Bruja – Julio Cortázar).

No Exemplo 6, o marido criado pela bruxa (Esteban) fechava a porta, quando pessoas do povoado se aproximam da casa para conhece-lo, já que ninguém sabia nada sobre a sua existência. A forma no pretérito imperfeito denota uma ação pontual inerente ao significado lexical da forma, ou seja, Esteban fechava a porta, naquele dado momento, não houve nenhuma fase de transição ou duração entre o fechamento da porta e a chegada de pessoas. Por outro lado, essa ação apresenta-se como inacabada e contribui para a progressão da trama. Além disso, a frustração iminente da ação constitui um recurso utilizado na narrativa para conferir uma atmosfera de suspense. Podemos deduzir, então, que, como já foi dito, as formas imperfectivas podem atuar como figura.

Por último, é salutar pontuar, com base nas ocorrências, que as formas verbais imperfectivas ampliaram o sentido original de atuar apenas no fundo da narrativa devido a um processo de gramaticalização, e passam a atuar, também, no plano figura com novas funções. Logo, podemos sugerir que a imperfectividade, em termos funcionais, pode ser considerada como um macrodomínio funcional caracterizado por ter limites implícitos, por não ser dêitico e por representar situações em progresso (ações dinâmicas) ou configuradas em sua existência (estado). Dessa forma, ela não estaria atrelada a formas, mas a um domínio funcional que pode estar presente nos dois planos da narrativa. Neste trabalho, entendemos domínio funcional no sentido proposto por Givón (1984), ou seja, corresponde às áreas funcionais que compõem a gramática, que podem se referir a áreas funcionais

gerais (ou macrodomínios), como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), caso, referência, ou a áreas mais estritas (microdomínios), como o tempo futuro, o sujeito, a dêixis, a especificação nominal etc.

Na próxima seção, analisaremos as funções codificadas variavelmente pelo pretérito imperfeito e por perífrases imperfectivas de passado em espanhol.

Descrição e análise dos resultados: correlação entre relevo discursivo e funções codificadas variavelmente pelo pretérito imperfeito e por perífrases imperfectivas

Considerando-se que as perífrases imperfectivas de passado e o pretérito imperfeito do indicativo, com base no conceito de variável proposto por Labov (1978)⁹, estão em variação, decidimos analisar a competição entre essas formas no *corpus* selecionado para esta pesquisa. Nesse sentido, além de explicitar a variável, objetivamos analisar o relevo discursivo como motivação para a ocorrência de uma ou outra forma.

Neste percurso de cunho teórico-metodológico, amparamo-nos na confluência de pressupostos teóricos entre o Funcionalismo Linguístico (vertente norte-americana) e a Sociolinguística Laboviana, a saber: prioridade atribuída à *língua em uso*, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança; como a língua não é dissociada de seu uso, os fenômenos linguísticos que constituem o alvo das investigações são analisados em situações de comunicação real em que falantes reais interagem; a língua não é estática, ao contrário, está continuamente se movendo, mudando e interagindo; análise de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos – todos entendidos como discursivos, pois só ganham existência quando usados. Em se tratando de variação, para Tavares (2003, p. 128), uma convergência possível seria: “camadas/variantes podem possuir ou não o mesmo significado, conquanto exibam a mesma *função*”, ou seja, uma mesma função codificada por várias formas - camadas/variantes.

Para alcançarmos tal intento, recorreremos à análise estatística e utilizamos o programa GOLDVARB (Sankoff *et al.*, 2005). Por meio desse aparato da estatística, obtivemos os cálculos de frequência das formas sob análise e os pesos relativos dos fatores elencados como possíveis condicionamentos para o imperfeito e para as perífrases. Nas rodadas estatísticas, consideramos o pretérito imperfeito do indicativo como aplicação da regra para as funções descritiva e narrativa, ou seja, como a forma esperada para a codificação da função analisada, e a perífrase imperfectiva para as funções habitual e desiderativa, pois, nas duas primeiras funções, as formas de pretérito

imperfeito foram mais recorrentes, assim como, nas duas últimas, obtivemos mais a forma perifrástica. Para explicações de natureza funcional, recorremos ao princípio de marcação, à expressividade retórica e, ainda, ao processo de gramaticalização.

Realizamos o mapeamento funcional das formas sob análise, com base nos estudos de Garcés (1997), Gutiérrez Araus (1997), Brucat (2001), García Fernández (2004) e Ruiz Campillo (2005), sobre os valores e usos das formas imperfectivas de passado em espanhol.

No tocante aos usos das formas imperfectivas pelos autores dos contos, nas funções descritiva e narrativa, os autores Virgílio Piñera e Roberto Bolaño utilizam mais formas do pretérito imperfeito porque, em seus contos, há uma valorização pela descrição das situações narradas, o que condiz com a proposição de Nunes (2008) de que o tempo linguístico depende do ponto de vista adotado pelo autor da narrativa.

Por outro lado, para a função habitual, nos contos de Virgílio Piñera e nos de Gabriel García Márquez, há o predomínio de perífrases imperfectivas de passado. Segundo Weinrich (1973), os tempos verbais situam o leitor no processo comunicacional da linguagem. Desse modo, o pretérito imperfeito indica um distanciamento sobre o que se está narrando. Nesse sentido, em uma descrição, a voz do narrador lembra a fala do contador de histórias não só pela distância em relação ao fato narrado, que se fundamenta pelo uso frequente do verbo no pretérito imperfeito, mas pelo uso de adjetivos, advérbios e de elementos que compõem a cena descrita. Em um texto descritivo, há a influência dos conhecimentos prévios e culturais sobre o fato narrado. As perífrases verbais, de modo geral, exigem maior esforço (forma mais complexa estruturalmente e cognitivamente (Givón, 2001). Por outra parte, o uso de uma forma simples permite uma descrição menos comprometida, conforme Genta (2008). No caso do estilo de Virgílio Piñera, percebemos uma valorização da descrição em seu relato, o que justifica a predileção pelo uso de formas do pretérito imperfeito, pois se trata de um relato curto de estrutura narrativa mais simples (conto). De acordo com Genta (2008), a escolha de uma forma perifrástica não constitui uma simples opção estilística, mas uma estratégia plena de significado, logo, com a eleição da perífrase imperfectiva de passado, Virgílio Piñera e Gabriel García Márquez buscam marcar a habitualidade de um estado de coisas em seus contos.

Por fim, na função desiderativa, o uso do imperfeito e da forma perifrástica apresentou uma distribuição equilibrada em relação aos autores/comarcas. Portanto, esse fator não foi considerado como significativo pelo programa estatístico.

⁹ De acordo com Labov (1978), duas ou mais formas que, necessariamente, têm o mesmo valor de verdade no mesmo contexto, ou seja, portam o mesmo significado referencial, constituem uma variável.

No que se refere à função descritiva, geralmente, está associada ao fundo da narrativa, ou seja, as formas imperfectivas são utilizadas para descrever, comentar e apontar detalhes. Por meio desta função, o narrador dá sustentação à narrativa, utilizando as formas imperfectivas, neste contexto, como fundo para os acontecimentos que serão narrados. Nesta função, obtivemos 676 formas de pretérito imperfeito e 32 formas de perífrases imperfectivas de passado. Vejamos dois exemplos que ilustram a variação entre as formas imperfectivas de passado, na codificação da função descritiva e, na sequência, na Tabela 1, os resultados atrelados ao relevo discursivo.

Exemplo 7

Entonces entró en su casa, que era verdaderamente hermosa./ Então, entrou em sua casa, que era verdadeiramente bonita (Bruja – Julio Cortázar).

Exemplo 8

[...] se llamaba Esteban, jamás quería salir de la casa./ [...] se chamava Esteban, jamais queria sair da casa (Bruja – Julio Cortázar).

O fundo 2 se associa ao pretérito imperfeito do indicativo com um peso bem significativo (0.981). O fundo 1, por sua vez, apresentou-se pouco significativo para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito, com peso (0.444). Na função descritiva, não encontramos dados associados à figura, pois as descrições compõem o fundo do texto narrativo, conforme Hopper e Thompson (1980).

Na correlação entre as formas imperfectivas de passado e o relevo discursivo, o fundo 2 apresenta cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo, que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade. Logo, é mais complexo estruturalmente e cognitivamente, pois demanda maior esforço de processamento do que o fundo 1, que está mais próximo da figura e apenas apresenta ou resume o que vai ser relatado; o cenário e os participantes;

e a fala dos personagens. Nesse sentido, há a relação entre a forma menos marcada e a situação mais marcada: o pretérito imperfeito do indicativo (forma menos marcada do que as perífrases) com o fundo 2 (contexto marcado). Portanto, os resultados dos pesos relativos corroboram o princípio de expressividade retórica, proposto por Dubois e Votre (1994). Logo, com o objetivo de estabelecer o equilíbrio cognitivo contexto, a marcação atua de acordo com o princípio de expressividade retórica. Desse modo, formas marcadas ocorrem em contextos menos marcados, e formas menos marcadas estão presentes em contextos mais marcados.

Para a função narrativa, conforme exemplos a seguir, encontramos 644 formas de pretérito imperfeito e 27 formas de perífrases imperfectivas de passado.

Exemplo 9

Allí iban los tres, con la mirada en el suelo, tratando de aprovechar la poca claridad de la noche/ Ali iam ,os três, com o olhar no chão, tratando de aproveitar a pouca claridade da noite (La noche que lodejaron solo – Juan Rulfo).

Exemplo 10

[...] proseguía viviendo, pero al mismo tempo empezaba a morirme./ [...] prosseguia vivendo, mas ao mesmo tempo eu começava a morrer (El que vino a salvarme – Virgilio Piñera).

No Exemplo 9, o narrador utiliza a forma imperfectiva, para conferir um caráter de lentificação ao ritmo da viagem, no período da noite. Já no Exemplo 10, há o relato do início do processo de mortificação do protagonista, ou seja, o autor narra, em detalhes, o início do processo de sua execução, desde a sua prisão (quando prosseguia vivendo) até a execução pelo carrasco. Nesse caso, o uso de formas imperfectivas contribui para a configuração de uma atmosfera gradativa de suspense de uma morte anunciada, na trama narrada.

Tabela 1. Atuação do relevo discursivo no uso do pretérito imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva.

Table 1. Performance of the discursive emphasis in the use of the imperfect past *versus* the imperfective periphrasis in the codification of the descriptive function.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso relativo
Fundo 1	645/670	96,3	0.444
Fundo 2	31/38	81,6	0.981

Os pesos relativos, na Tabela 2, evidenciam alto favorecimento por parte do plano discursivo figura para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo, com peso relativo 0.868. Por outro lado, no fundo 1, há uma forte restrição para o uso desta forma, com peso relativo 0.003. A partir do critério de complexidade estrutural (de acordo com o princípio da marcação), evidenciamos que o plano discursivo figura é marcado em relação ao fundo 1, já que este está mais próximo da figura e apresenta apenas algumas características do fundo, logo, este plano é mais simples estruturalmente que a figura, conforme Chedier (2007).

Vale destacar, ainda, que a figura é o contexto marcado para a imperfectividade e, de acordo com Givón (1995), a marcação é contextual; nesse caso entre figura e fundo 1, consideramos a figura como contexto marcado. De acordo com Givón (1991, p. 38), na concepção do princípio meta-icônico de marcação: “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas”. Considerando, ainda, que, na expressão do passado imperfectivo em espanhol, há uma forma estruturalmente mais marcada (perífrase) do que a outra (pretérito imperfeito do indicativo) e, também, com base nos resultados fornecidos pelo programa estatístico, em uma análise multivariada, podemos verificar que os resultados dos pesos relativos corroboram o princípio de expressividade retórica proposto por Dubois e Votre (1994). Neste viés, formas marcadas podem ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados. Logo, teríamos o equilíbrio cognitivo contextual, ou seja, o pretérito imperfeito do indicativo (estrutura menos marcada), que é considerado como estrutura mais simples em relação às perífrases imperfectivas, tende a aparecer no plano discursivo figura (contexto marcado em relação ao fundo 1).

Na função habitual, consideramos as perífrases imperfectivas de passado como regra de aplicação, pois obtivemos mais ocorrências dessas formas: 97 dados

contra 29 de pretérito imperfeito. Vejamos dois exemplos que ilustram essa função.

Exemplo 11

Solía soñar con ratas, solía oírlas por la noche en su cuarto, y durante meses.../ *Costumava sonhar com ratos, costumava ouvi-los à noite em seu quarto, e durante meses...* (Clara – Roberto Bolaño).

Exemplo 12

Ese vicio solitario se hacía aún más solitario./ Esse vício solitário ficava ainda mais solitário (*El enemigo* – Virgilio Piñera).

Deter-nos-emos, agora, nos valores percentuais atrelados ao relevo discursivo, conforme Tabela 3, que evidenciam maior ocorrência de formas imperfectivas de passado no fundo 2. A seguir, há o fundo 1 e, por último, temos o plano figura. Percebemos que a distribuição das perífrases se dá de forma equilibrada nos três planos discursivos.

Na função desiderativa, amalgamamos o fundo 1 com o fundo 2, para eliminar um nocaute¹⁰ no fundo 1, e consideramos a perífrase imperfectiva de passado como regra de aplicação, pois obtivemos mais ocorrências dessa forma: encontramos 113 dados de perífrases imperfectivas de passado e 56 de pretérito imperfeito. Vejamos dois exemplos ilustrativos, seguidos dos resultados estatísticos.

Exemplo 13

Integró una biblioteca com volúmenes rosa, tuvo casi todos los discos de Pedro Vargas y algunos de Elvira Ríos; llegó un momento en que ya poco deseaba./ Integrou uma biblioteca com volumes rosa, teve quase todos os discos de Pedro Vargas e alguns de Elvira Ríos; chegou um momento em que já pouco desejava (*Bruja*– Julio Cortázar).

Tabela 2. Atuação do relevo discursivo no uso do pretérito imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.

Table 2. Performance of the discursive emphasis in the use of the imperfect past *versus* the imperfective periphrasis in the codification of the narrative function.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso relativo
Figura	485/504	96,2	0.868
Fundo1	159/167	95,2	0.003

¹⁰ Nocaute é o termo usado para um contexto em que se encontra realização categórica.

Tabela 3. Ocorrência de perífrases imperfectivas na função habitual de acordo com o relevo discursivo.*
Table 3. Occurrence of imperfective periphrases in the regular function according to the discursive emphasis.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)
Figura	11/15	73,3
Fundo 1	20/26	76,9
Fundo 2	66/85	77,6

Nota: (*) Para esta tabela, não apresentamos pesos relativos, em virtude de o programa GOLDVARB não ter selecionado o grupo de fatores ‘relevo discursivo’ como estatisticamente significativo para a variação entre imperfecto e perífrases na função habitual.

Tabela 4. Atuação do relevo discursivo no uso da perífrase imperfectiva *versus* o pret. imperfecto na codificação da função desiderativa.

Table 4. Performance of the discursive emphasis in the use of the imperfect periphrasis *versus* the imperfect past in the codification of the desiderative function.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso
Figura	1/20	5,0	0.000
Fundo	112/149	75,2	0.844

Exemplo 14

Era bello, fino, se llamaba Esteban, jamás quería salir de la casa: así tenía que ser. / Era belo, fino, se chamava Esteban, jamais queria sair da casa: assim tinha que ser (Bruja – Julio Cortázar).

A partir dos pesos relativos obtidos, podemos verificar que, no plano discursivo fundo, há maior recorrência de perífrases imperfectivas de passado, com peso relativo 0.844, fato que não se repete com a figura, pois o peso relativo é 0.000, ou seja, nesse plano discurso, praticamente, não há a forma perífrástica, encontramos apenas uma ocorrência. Temos um nocaute negativo, o que indica que a regra de variação, possivelmente, nunca será aplicada no contexto desse fator, ou seja, no plano da figura.

Tomando por base o princípio da marcação, podemos tecer as seguintes considerações: (a) na figura, as perífrases imperfectivas são mais marcadas, pois apresentam maior complexidade estrutural, já que são estruturas maiores e, por isso, tendem a ser mais complexas também cognitivamente, pois demandam maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento. Por conta disso, são menos frequentes do que o elemento não marcado, ou seja, o pretérito imperfecto do indicativo; (b) no fundo, as perífrases imperfectivas de passado (formas marcadas) são mais recorrentes do que a forma não-marcada, no caso, o pretérito imperfecto do indicativo. Vale destacar que este contexto é mais marcado em relação ao plano discursivo figura, por conta disso, apresenta formas mais complexas.

No que diz respeito à relação figura e fundo, proposta por Hopper e Thompson (1980), com base nos resultados e análises empreendidas, é necessário que repensemos o papel da imperfectividade atrelada somente ao fundo da narrativa. Os autores limitam-se ao critério formal: a figura está atrelada a formas aspectuais perfectivas e o fundo, a formas imperfectivas. No entanto, a imperfectividade constitui-se um domínio funcional e não está associada somente às formas aspectuais imperfectivas, mas, também, às formas perfectivas.

O contexto linguístico pode mostrar uma categoria que perde o seu *status* de protótipo e se aproxima de uma outra categoria, ou seja, passa a ser ambígua e, posteriormente, pode figurar em outra categoria. A partir desta perspectiva, verificamos que a forma imperfectiva se gramaticalizou, ou seja, saiu do contexto de prototipicidade (fundo 2) e se aproximou da função perfectiva, quando no contexto desta (figura) assumiu novos valores. Para García Fernández (2004), esse valor narrativo é de cunho puramente estilístico e se limita aos contextos em que as formas imperfectivas apresentam valor perfectivo. Segundo o autor, nesses contextos há uma neutralização do valor imperfectivo. No entanto, encontramos formas imperfectivas atuando na progressão da narrativa, sem conferir um valor que fosse necessariamente estilístico, mas atuando no desenvolvimento do relato. Ao analisarmos detalhadamente os contextos de uso dessa função, constatamos que as formas imperfectivas se aproximaram da perfectividade e assumiram as funções das formas perfectivas, ou seja, passaram a atuar na progressão da narrativa.

Ao averiguarmos trabalhos anteriores sobre esta questão, verificamos que a distinção entre as orações narrativa e não-narrativa, realizada por Labov e Waletzky (1967), foi ampliada por Hopper e Thompson (1980) que incluíram os conceitos de figura e fundo que estão diretamente relacionados à oposição aspectual no texto narrativo, ou seja, seus trabalhos demonstraram que, com raras exceções, as orações narrativas, presentes no plano discursivo figura, são perfectivas e as não-narrativas, presentes no plano discursivo fundo, são imperfectivas. No entanto, podemos afirmar, com base nos resultados obtidos, que as formas imperfectivas também são responsáveis pela progressão das ações da narrativa. Desse modo, elas compõem o núcleo da narrativa, ou seja, atuam como figura e como fundo. Ademais, as formas imperfectivas desempenham, na narrativa, as funções de descrever, comentar, informar detalhes, observar ações, ou seja, dão o suporte necessário para as ações principais da narração, logo, atuam, também, como fundo. Em nosso trabalho, constatamos que as formas imperfectivas de passado assumiram novas funções no decorrer do tempo, antes usadas apenas como pano de fundo da narrativa, agora, também, podem atuar na progressão textual.

Considerações finais

Considerando a correlação entre os postulados teóricos e os resultados obtidos relacionados às funções analisadas, é oportuno que repensemos o papel da imperfectividade atrelada ao fundo da narrativa, ou seja, é necessário que não fiquemos limitados à correlação clássica entre figura-formas perfectivas e fundo-formas imperfectivas, já que a literatura existente sobre o tema fala em tendências de uso das formas imperfectivas como fundo, não negando categoricamente que usos diferentes (como figura, por exemplo) possam ser identificados na língua em uso, inclusive, obtivemos um alto favorecimento por parte do plano discursivo figura para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo, na função narrativa, com peso relativo 0.868.

Além disso, é importante considerar os usos das formas imperfectivas que contribuem para a progressão da narrativa, tais como lentificação da ação, frustração iminente da ação, habitualidade etc. Diante das considerações ora apresentadas, propomos a reformulação da relação figura e fundo, no sentido de analisar a imperfectividade não mais atrelada a formas, mas a um domínio funcional que pode estar presente nos dois planos da narrativa: (a) figura: formas perfectivas com função perfectiva ou imperfectiva e usos especializados das formas imperfectivas que contribuem para a progressão da narrativa; (b) fundo 1 e 2: formas verbais imperfectivas que dão suporte para os fatos a serem narrados.

Julgamos que seria importante, em futuras pesquisas, ampliar o presente estudo, incluindo mais contos e

acrescentando narrativas orais de vários bancos de dados para compará-las com as escritas. Além disso, outros fatores, que não foram incluídos aqui, podem gerar importantes desdobramentos, tais como os fatores que Freitag (2007) controlou, em sua pesquisa sobre a expressão do passado imperfectivo no Português do Brasil: extensão da situação, tipo de referência, tipo de oração da situação, tipo de oração da referência, continuidade da situação, tipo de sequência discursiva e tipo de episódio. Poderíamos, também, controlar a modalidade em perspectiva escalar (de mais *realis* a menos *realis*), o tipo de perífrase (com gerúndio, particípio e infinitivo), o valor expresso pelo modificador aspectual (duração, progressão, localização e frequência). Podemos sugerir, ainda, a realização de novas análises estatísticas, com amalgamações e reorganização de grupos de fatores. Podemos indicar, também, um estudo com as formas perfectivas de passado em Espanhol, ou seja, com os pretéritos perfeito simples e composto do Espanhol. Por fim, não resta dúvida de que a análise dos usos linguísticos das formas imperfectivas de passado pode dar margem a importantes e intrigantes questões de pesquisa.

Referências

- AGUIAR, F.; VASCONCELOS, S. (orgs.). 2001. *Ángel Rama – Literatura e cultura na América Latina*. São Paulo, EDUSP, 223 p.
- ALCINA, J.; BLECUA, J.M. 1975. *Gramática española*. Barcelona, Ariel, 452 p.
- BELLO, A. 1847. *Gramática de la lengua castellana*. Buenos Aires, Sopena, 326 p.
- BERTINETTO, P.M. 1986. *Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano. Il sistema dell'indicativo*. Florencia, L'Accademia della Crusca, 235 p.
- BRUCAT, J.M. 2001. El valor del imperfecto de indicativo en español. In: Congreso Internacional de la Asociación Coreana de Hispanistas, 1, Chonbuk, 2001. *Anais...* Universidad Nacional de Chonbuk, 12:1-23.
- BYBEE, J. 2003. Cognitive Process in grammaticalization. In: M. TOMASELLO, *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey/London, Lawrence Erlbaum, vol. 2, p. 145-167.
- BYBEE, J. 2004. Los mecanismos de cambio como universales lingüísticos. In: R. MAIRAL; J. GIL, *Entorno a los universales lingüísticos*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 245-263.
- CANO, R.A. (coord.). 2005. *Historia de la lengua española*. 2ª ed., Barcelona, Editorial Ariel, 467 p.
- CHEDIER, C.M. 2007. *Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 132 p.
- COMRIE, B. 1990. *Tense*. 4ª ed., Cambridge, Cambridge University Press, 163 p.
- COMRIE, B. 1976. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge, Cambridge University Press, 143 p.
- COTTON, E.G.; SHARP, J.M. 1988. The Andean countries. In: COTTON, E.G.; SHARP, J.M. *Spanish in the Americas*. Washington, D.C., Georgetown University Press, p. 176-202.
- DUBOIS, S.; VOTRE, S.J. 1994. *Análise modular e principios subjacentes do funcionamento linguístico: a procura da essência da linguagem*. Rio de Janeiro, UFRJ, 132 p.
- FREITAG, R.M.K. 2007. *A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança*. Florianópolis, SC. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 235 p.

- GARCÉS, M.P. 1997. *Las formas verbales en español valores y usos*. Madrid, Editorial Verbum, 87 p.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, L. 2004. El pretérito imperfecto: repaso histórico y bibliográfico. In: L. GARCÍA FERNÁNDEZ; B. CAMUS BERGARECHE, *El pretérito imperfecto*. Madrid, Gredos, p. 345-378.
- GENTA, F. 2008. *Perífrasis verbales en español: focalización aspectual, restricción temporal y rendimiento discursivo*. Granada, Espanha. Tese de Doutorado. Universidad de Granada, 457 p.
- GIVÓN, T. 1984. Tense-Aspect-Modality. In: T. GIVÓN, *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, vol. 1, p. 269-320.
- GIVÓN, T. 1990. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, vol. 2, 534 p.
- GIVÓN, T. 1991. *Functionalism and grammar: a prospectus*. New York, University of Oregon, 167 p.
- GIVÓN, T. 1995. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: *English Grammar: a functional-based introduction*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co., vols. I e II.
- GIVÓN, T. 2001. *Syntax: an introduction*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Co., 531 p.
- GUTIÉRREZ ARAUS, L.M. 1997. *Formas temporales del pasado en indicativo*. Madrid, Arco/Libros, 92 p.
- GUY, G.R.; ZILLES, A. 2007. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo, Parábola Editorial, 240 p.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. 2005. *Language contact and grammatical change*. Cambridge/New York, Cambridge University Press, 347 p. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511614132>
- HOPPER, P. 1979. Aspect and foregrounding in discourse. In: T. GIVÓN (org.), *On understanding grammar*. New York, Academic Press, p. 282-304.
- HOPPER, P.; THOMPSON, S. 1980. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, **56**(2):251-299. <http://dx.doi.org/10.1353/lan.1980.0017>
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press, 235 p.
- LABOV, W. 1978. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Paper in Sociolinguistic*, **44**:4-22. Austin, TX. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED157378.pdf>. Acesso em: 29/09/2016.
- LABOV, W.; WALETSKY, J. 1967. Narrative analysis. In: J. HELM (org.), *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle, University of Washington Press, p. 12-44.
- LIMA, M.C. 2009. *A não-atribuição de causalidade na crônica geral de Espanha de 1344*. Fortaleza, CE. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 432 p.
- MATTE BON, F. 2003. *Gramática comunicativa del español. Tomo I: De la lengua a la idea*. Madrid, Edelsa, 357 p.
- MUÑOZ, D.; G. SOTO. 2000. Construcciones medias de alta transitividad en el español: un enfoque cognitivo-discursivo. *Lenguas modernas*, **27-26**:185-208.
- NUNES, B. 2008. *O tempo na narrativa*. 2ª ed., São Paulo, Editora Ática, 68 p.
- PONTES, V. de O. 2009. *O uso dos pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito do indicativo em narrativas escritas em espanhol por aprendizes brasileiros em formação docente universitária: uma análise funcionalista*. Fortaleza, CE. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará, 119 p.
- RAMA, Á. 1982. *Transculturación narrativa en América Latina*. Montevideo, Fundación Ángel Rama, 305 p.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. 2009. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid, Espasa-Calpe, 867 p.
- ROSCH, E. 1973. Natural categories. *Cognitive psychology*, **4**:87-123. [http://dx.doi.org/10.1016/0010-0285\(73\)90017-0](http://dx.doi.org/10.1016/0010-0285(73)90017-0)
- RUIZ CAMPILLO, J.P. 2005. Instrução indefinida, aprendizagem imperfeito. Para uma gestão operativa do contraste imperfeito/indefinido em classe. *Mosaico*, **15**:9-17.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.A.; SMITH, E. 2005. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto/Ottawa, Department of Linguistics/Department of Mathematics, 267 p.
- SCHERRE, M.M.P.; NARO, A.J. 2007. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: M.C. MOLLICA; M.L. BRAGA (org.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ª ed., São Paulo, Contexto, p. 147-177.
- SILVA, I.M. da. 2009. *As voltas que o modo dá: parâmetros funcionais da alternância indicativo/subjuntivo em espanhol*. Florianópolis, SC. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 216 p.
- SILVEIRA, E. 1997. *O aluno entende o que se diz na escola*. Rio de Janeiro, Ed. Dunya, 153 p.
- TAVARES, M.A. 2003. *A gramaticalização de é, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Florianópolis, SC. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 273 p.
- TORRES CACOULOS, R. 2001. From lexical to grammatical to social meaning. *Language in Society*, **30**:443-478.
- WEINRICH, H. 1973. *Le temps*. Paris, Seuil, 207 p.

Submetido: 24/01/2016

Aceito: 14/08/2016